

Bloco N.º	35	
ANO(s)	11.º ano e 2.º ano de Formação	DISCIPLINA Português
APRENDIZAGENS ESSENCIAIS	<p>Oralidade Sintetizar o discurso escutado a partir do registo de informação relevante quanto ao tema e à estrutura.</p> <p>Educação Literária Interpretar obras literárias portuguesas de diferentes autores e géneros, produzidas entre os séculos XVII e XIX.</p> <p>Contextualizar textos literários portugueses anteriores ao século XVII em função de marcos históricos e culturais.</p> <p>Contextualizar textos literários portugueses dos séculos XVII ao XIX de vários géneros em função de grandes marcos históricos e culturais.</p> <p>Comparar textos em função de temas, ideias e valores.</p> <p>Reconhecer valores culturais, éticos e estéticos presentes nos textos.</p> <p>Escrita Escrever textos de opinião, apreciações críticas e exposições sobre um tema.</p>	

*Viagens na Minha Terra*, de Almeida  
Garrett

Capítulo XLIV



**Atividades/Tarefas/desafios**

1. Lê atentamente o seguinte excerto da obra *Viagens na Minha Terra*.

**Capítulo XLIV**

[...]

Carta de Carlos a Joanhina.

Évora - Monte

... de maio de 1834

É a ti que escrevo, Joana, minha irmã, minha prima, a ti só. Com nenhum outro dos meus não posso nem ousar falar. Nem eu já sei quem são os meus: confunde-se, perde-se-me esta cabeça nos desvarios do coração. Errei com ele, perdeu-me ele.... Oh, bem sei que estou perdido. Perdido para todos, e para ti também. Não me digas que não; tens generosidade para o dizer, mas não o digas. Tens generosidade para o pensar, mas não podes evitar de o sentir. Eu estou perdido. E sem remédio, Joana, porque a minha natureza é incorrigível. Tenho energia demais, tenho poderes demais, no coração. Estes excessos dele me mataram... e me matam! [...]

Quero contar-te a minha história: veras nela o que vale um homem. Sabe que os não há melhores que eu: e tão bons, poucos. Olha o que será o resto!

Tu não ignoras já hoje o por que fugi da casa materna: sabia a manchada de um grande pecado, e imaginei-a poluída de um enorme crime.

Esse homem que é meu pai, não o podia ver, hoje que sei o que ele me é... Deus me perdoe, que ainda o posso ver menos!

Minha avó, julguei-a cúmplice no crime; ela só o era no pecado. Perdoe-lhe Deus; e bem pode e bem deve, já que a fez tão fraca. Minha pobre mãe sucumbiu por sua culpa, por sua irremissível complacência...

Deus pode e deve, repito... mas eu, como lhe hei de perdoar eu este rubor que sinto nas faces ao nomear minha mãe?

Tem padecido e sofrido muito... coitada! A sua penitência é um martírio, a sua velhice uma longa paixão, e esse homem que a perdeu um verdugo sem piedade. Mas tudo isso é com Deus, não e comigo.

Eu sou filho; minha mãe morreu sem perdoar — não posso perdoar eu.

E quem me há de perdoar a mim? Ninguém, nem quero.

Não serás tu, minha irmã; não, que não deves. Porque eu amei-te com um coração que já não era meu; aceitei o teu amor sem o merecer, sem o poder possuir, traí quando te amava, menti quando to disse, menti-te a ti, menti-me a mim, e não guardei verdade a ninguém.

Mas espera, ouve; deixa-me ver se posso atar o fio desta minha incrível história — incrível para ti, bem simples para quem conheça o coração do homem.

[...]

Almeida Garrett, *Viagens na Minha Terra*,  
ed. de Ofélia Paiva Monteiro, Lisboa, IN-CM, 2010 [1846].

Responde de forma estruturada e completa às perguntas que se seguem.

2. Indica quais as funcionalidades que a carta de Carlos desempenha na construção da narrativa.
3. Explicita as razões apontadas por Carlos para a sua perdição.
4. Clarifica as relações familiares que estão na base da fuga de Carlos da “casa materna”.
5. Explica por que razão Carlos afirma que a sua história é “bem simples para quem conheça o coração do homem.”